

Entrevista com Heloísa Buarque de Hollanda

Maria Antonieta Pereira

A geração de pensadores latino-americanos dos anos 60/70 foi responsável pela cunhagem ou pela difusão de determinados conceitos que já vinham sendo formulados desde o Pós-Guerra, dentre os quais destacamos as idéias de subdesenvolvimento, dependência econômica e Terceiro Mundo. Os intelectuais dessa época, muitas vezes na condição de exilados políticos no país vizinho, intercambiaram conhecimentos e estabeleceram produções teóricas coletivas sobre a América Latina. Um exemplo típico dessa troca cultural está na teoria da dependência, desenvolvida por pensadores da Argentina (Raúl Prebisch), do Brasil (Celso Furtado, Theotônio dos Santos, Fernando Henrique Cardoso e Ruy Mauro Marini, entre outros) e do Chile (Enzo Faletto). Presente em todas as áreas do saber e exportada para várias partes do mundo, a teoria da dependência foi o principal sustentáculo do pensamento crítico de então.

Hoje, contudo, diante da complexidade do mundo globalizado, essa teoria precisa ser repensada, especialmente no que tange à idéia de dependência cultural e ao imaginário daí decorrente.

O texto a seguir é um fragmento da entrevista realizada com Heloísa Buarque de Hollanda, no âmbito da pesquisa “Subdesenvolvimento, autoimagem e exclusão no Brasil e na Argentina”, realizada por Maria Antonieta Pereira em 2003¹.

Heloísa, a primeira questão que eu gostaria que você analisasse, nessa nossa conversa, é a polêmica em torno da questão das “patrulhas ideológicas”. Por que essa expressão foi cunhada e ficou tão forte na cultura brasileira?

No Brasil sempre houve problemas com a censura, o confronto, o debate. Isso é cultural entre nós. Qualquer crítica ou confronto que se

¹ A pesquisa teve o apoio da Capes (Brasil) e da Secyt (Argentina), como parte do projeto “Margens e resíduos culturais”.

coloquem tornam-se problemáticos, as pessoas começam a inventar estratégias para evitá-los. Qualquer dissidência é uma questão complicada. A gente tende à negociação, à meta mais consensual. Nesse sentido, o caso “patrulhas” foi particularmente interessante. Tivemos muito tempo em regime de ditadura, formou-se um bloco contra a ditadura, e a experiência política da esquerda foi empobrecida. Houve muita militância mas pouco exercício político durante o período de exceção institucional. Ficamos na oposição a um regime específico mas, ao mesmo tempo, muito ausentes de qualquer debate. Muitas coisas estavam acontecendo nos anos 60, houve a crise do petróleo nos anos 70, o mundo estava se tornando mais complexo e a gente estava no paredão contra a ditadura. Na hora em que esse regime começou a mostrar brechas, em que o próprio bloco do poder começou a enfraquecer e a sentir necessidade de uma abertura política, a esquerda não soube o que fazer: ela perdeu um pouco o pé. Acabada essa situação, as pessoas tinham que dizer a que vieram, politicamente falando. Não havia mais um bloco fechado contra a ditadura, a esquerda estava dividida em várias partes. Em outros países, a democracia já era algo muito testado, as pessoas já estavam bastante treinadas na vida democrática naquele momento. E a gente ainda num estágio democrático muito incipiente. Então, Cacá cunhou essa expressão superfeliz que é “patrulhas ideológicas”. Foi na época do filme *Xica da Silva*, em torno da posição desse filme diante da questão negra. Diziam, especialmente a esquerda, que aquele era um filme racista. A partir da reclamação de Cacá sobre o patrulhamento da esquerda, desenvolveu-se uma discussão mais séria sobre o que seria a esquerda naquele momento. E a esquerda não se entendia. Ela não se entendia porque acho que entre nós é muito difícil o exercício da democracia: um ouvir o outro, responder, aceitar alguma coisa.

Só a partir de 78 é que vem um momento intenso, de aprendizagem muito difícil, eu acho. Mas uma aprendizagem muito bela. E o debate sobre as “patrulhas ideológicas” teve um papel importante nisso tudo. Era a abertura para cada um se exercitar na democracia: de considerar outra posição política diferente da sua. Era um incentivo ao diálogo.

E isso é muito difícil, não é muito da nossa natureza, traz sempre muito conflito. A contracultura, por exemplo, foi tachada de alienada, a esquerda foi tachada de alienada, de censurante. E a gente tem isso até

hoje. Eu me lembro que há pouco tempo Élio Gaspari me telefonou perguntando sobre as patrulhas: “Quem patrulha é a esquerda ou é a direita?” E eu disse: “A esquerda.” É raro se ver a direita patrulhando. Mesmo porque ela é sempre vencedora, desde 1500.

Mas a esquerda patrulha mesmo. Isso foi interessante na composição política da época da ditadura toda, foi uma coisa que atrasou um pouco nossa maturidade política. Porque já temos, estruturalmente, uma configuração particular de escala de valores, de relação de forças e de poderes que é muito verticalizada. Então eu acho que o debate sobre as patrulhas foi um momento muito interessante porque o problema veio e ninguém sabia como resolvê-lo, como demonstram as entrevistas que fiz para o livro *Patrulhas ideológicas* que organizei. Realmente eu fiz um mapa – entrevistei gente do PC, entrevistei nacionalistas, entrevistei gente de uma esquerda mais nova (da esquerda de comportamento) – eu fiz uma gama, e realmente ninguém tinha noção do que estava passando, os entrevistados sabiam apenas que tinham perdido o pé. Pelo menos é o que está registrado nas entrevistas que eu fiz, eu trabalhava por faixa etária e havia muita diferença, tudo muito variado. Era uma falta de pé total, ninguém defendia a patrulha, todo mundo sabia que patrulhar era complicado... mas não poderia deixar de patrulhar.

E você acha que nessa patrulha existia o temor da dependência cultural?

Eu acho que um dos assuntos que perpassam o debate das patrulhas é a questão da dependência. Mas isso é bem dos anos 60, da discussão nacionalista. A viagem das nomeações, das palavras, é muito expressiva nesse sentido. Antes de sermos *dependentes*, fomos *subdesenvolvidos*. Nos anos 60, a palavra era “subdesenvolvimento”. O subdesenvolvimento levava a uma idéia interessante que era a possibilidade de se tornar desenvolvido. Então, naquele momento, a nova definição de dependência dá um certo “alívio”. Já que no fundo pressentíamos que o país não seria “desenvolvido” nunca, a idéia de dependência indicava que o nosso estágio sócio-econômico não era um destino difícil de ser vencido, mas devia-se a uma *relação* de dependência entre forças econômicas. Naquele momento essa era uma idéia avançada, difícil de ser aceita. Era mais digerível aceitar o bordão de luta *go home yanque* que estava escrito nos muros, a luta contra o imperialismo, do que o discurso do subdesenvolvimento. A teoria

da dependência foi uma sofisticação interessante naquele momento, ela provinha das pessoas avançadas, mais progressistas, que propunham modificar esta relação entre forças. Mas do ponto de vista da produção cultural havia aquelas tendências: ou se fazia uma cultura autenticamente brasileira ou se deixava vir os *inputs* estrangeiros. E aí veio a briga de Caetano, a questão da guitarra elétrica, do tropicalismo, toda essa coisa que repete *ad nauseam* a mesma história: o que fazer com a influência estrangeira? O conceito de dependência tem uma conotação negativa, mesmo sendo mais sofisticado. Atualmente, pensamos já num outro quadro de razão: a idéia de *país em desenvolvimento*. Embora haja aí uma mudança teórica, esse conceito ainda carrega a idéia de dependência.

Esse foi um período muito rico, com uma produção teórica e política incrível. Mas me parece que um problema sério que veio daí é a idéia de que o subdesenvolvimento econômico necessariamente gera o subdesenvolvimento cultural. E há uma grande teorização em torno disso: Antonio Candido, na teoria da literatura, Paulo Emilio, estudando o cinema, e muitos outros, vão dizer que a cultura brasileira padece de subdesenvolvimento. Ou seja, eles criam uma relação imediata (sem nenhuma mediação possível) entre infra e superestrutura. Quanto à questão do patrulhamento ideológico, quando ela atinge o edifício coeso da esquerda, ela também contribui para fraturar o próprio conceito de dependência cultural, não?

Sim, porque o tropicalismo produz uma discussão focal, enquanto o conceito de dependência não. A partir do tropicalismo, as relações podem ser alteradas, ou podem ser pilhadas, ou podem ser canibalizadas: não é uma relação fixa, não é uma relação de forças predeterminadas. É uma relação de dois, mas sem quantificação de forças. O tropicalismo é um pouco a seqüência da antropofagia, que já tinha colocado essa questão, mas em uma perspectiva levemente diferente. Acho que a antropofagia é voltada para a questão cultural propriamente dita. E o tropicalismo procura discutir a questão cultural e a questão econômica. Essas duas áreas já estavam começando a se aproximar mais: no final dos 60, a lógica de uma economia do consumo estava se esboçando. Então, passou-se a discutir cultura e economia como coisas que se misturam. Quando se falava em independência cultural, falava-se na realidade de independência econômica e cultural.

Nesse período, há também um movimento de busca da latinidade...

Mas era algo bem diferente da latinidade de hoje. Aquela era a latinidade de um mundo configurado utopicamente, era a idéia de Latinoamérica, nem era de América Latina. Era um ideal, um sonho, era o “soy loco por ti América”. Era algo sugerido pelo exemplo da revolução cubana, pela importancia político-cultural naquele momento da *Casa de las Américas*, uma noção de “América afirmativa”. A latinidade dos anos 60 era puro desejo de transformação. Hoje a conversa é outra.

E como você vê essa diferença?

Eu acho que a latinidade hoje é uma construção de mercado. Se tomamos, por exemplo, o mercado da arte, vamos ver que a arte latino-americana é muito potente no mercado internacional. É uma idéia que se constrói para uma circulação transnacional de bens culturais, uma política de mercado e não uma meta ideológica. Nos anos 60, ainda não havia um nucho de mercado bem desenhado, que consumisse a arte latino-americana. Não havia a discussão dos mercados comuns, da integração supranacional. E todas essas estratégias hoje estão disponíveis. Então eu acho que a latinidade daquele momento era outra coisa, foi uma idéia que não evoluiu em linha reta. Há nuances muito diferentes formatando a idéia de latinidade. Eu acho que a latinidade de hoje é estratégica, a outra era uma meta.

Ou seja, para a imagem da latinidade se constituir, naquele período, ela tinha que passar por Cuba.

Eu acho que sim. Por Cuba e por um grande projeto transformador.

E também as imagens eufóricas (como o “milagre brasileiro”, proposto pela direita) provocavam a produção de imagens depreciativas por parte da esquerda. Hoje, a situação é diferente, a esquerda está no poder. Que auto-imagem se constrói hoje? A esquerda tem respostas? Ou tem boas perguntas?

Eu acho que a esquerda está sendo muito interpelada, não só dentro do país, mas também internacionalmente. Estão querendo saber o que é uma esquerda brasileira. E a gente ainda não teve possibilidade de dar essa resposta, seria enganoso forjar uma resposta agora. Inclusive acho que há uma volta do patrulhamento, inclusive dentro do próprio PT. Mas essa é uma situação muito nova, porque é a primeira vez que a esquerda

está no poder desde 1500. Então penso que, em vez de respostas, temos perguntas. E muitas perguntas, o governo ainda não pode responder. Eu não estou vendo sinais de resposta por enquanto. Mas a pergunta é muito vasta e complexa. Ela não é setorial, ela não se restringe a um partido, ao PT ou a possíveis desacordos... Ela é uma perguntaça!!!

Inclusive porque não se tem mais o modelo cubano.

Exatamente. Na realidade, o problema nem passa por respostas imediatas. O problema é a própria formulação da pergunta. E nós estamos formulando uma bela pergunta, num cenário internacional que é uma barra pesada. Acho inclusive que a relação entre o governo de Lula e os intelectuais passa por essa questão, passa por quem for capaz de desenhar, definir com mais habilidade essa pergunta.

Recentemente, eu estava pesquisando a auto-imagem de brasileiros e argentinos. Em Buenos Aires, a primeira pessoa com quem conversei sobre isso foi Jorge La Ferla, da Universidad del Cine. E ele me disse: "Agora, depois das crises, a Argentina sabe que está na América Latina".

O Brasil também.

Como assim? O Brasil também não sabia que ele estava na América Latina?

Eu acho que sabe agora, antes não. Depois da economia globalizada, dos acordos comerciais etc. Eu acho que o Brasil sabia que era cubano.

Cubano!?

É. Cubano. A esquerda brasileira achava que era cubana. Ser cubana não é ser América Latina. Cuba é uma ilha... "cercada de água por todos os lados". A América Latina é um continente. Então, eu acho que, quando a gente falava de América Latina, a gente se sentia América Latina como revolucionário, era outra coisa, uma utopia. Agora, com os contratos comerciais, a relação começou a ficar complicada. Aquela *finá estampa* de Caetano, dos anos noventa, está num momento muito estratégico: aquilo não é *soy loco por ti América*, mas uma vontade de mimetizar o outro, de traduzir para a ironia brasileira, para o *feeling* brasileiro, a cultura argentina. É algo mais de identificação, espelho, reflexo. É um

momento muito delicado, eu acho, delicado em termos de delicadeza não de perigo, muito interessante, terno. Isso se desenvolve depois, porque vamos ver muita gente fazendo o mesmo. Também houve um debate nas universidades que morreu cedo – aquele de tirar as alfândegas acadêmicas, que abria a possibilidade de se circular saberes, sem as questões institucionais de diplomas etc. Seria a possibilidade de se fazer um mercado livre acadêmico.

Quando foi esse debate? Eu não me lembro dele.

Eu me lembro. Tem uns cinco ou seis anos. É quando se começa a ter uma preocupação com barreiras institucionais nas universidades. Isso aí morreu, mas é uma colocação importante: a de se criar um mercado mais amplo (o mercado acadêmico está cada dia menor) e que vai produzir um saber mais contaminado, menos antagônico. Então, a questão do fim das barreiras universitárias é um projeto que vai voltar porque ele é vital. E nós ainda temos muito a questão de ver o argentino como um estrangeiro dentro das universidades brasileiras, como um bolsista que não é nacional, que não tem certos direitos como ganhar bolsa do CNPq etc.

Outro problema é que eles têm dificuldade de obter bolsa pra eles mesmos, quanto mais pra nós. O nível de...

...carências...

... é, de carências, é terrível. Porque a ditadura deles destruiu a universidade, totalmente. Enquanto a nossa estruturou a pós-graduação...

Pois é, isso é engraçado.... E o Fernando Henrique destruiu... Bem, nos anos 60/70, o canal estava aberto via CEPAL. Hoje, temos que abrir nossos próprios canais, considerando a existência de Lula, no Brasil, e Kirchner, na Argentina.

Recebido em abril de 2004.

Aprovado em junho de 2004.